

“Éramos assim, feridos por dentro, mas duros por fora”: *As pequenas memórias*, de José Saramago

Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira¹

Resumo: O artigo tenciona fazer uma releitura do livro *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago (1922-2010), relato autobiográfico que, por meio das sendas da memória, revela ao público leitor uma fase relevante da vida do único escritor de Língua Portuguesa agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura (1998). Como embasamento teórico e crítico, utilizamos as pesquisas referentes à memória, ao esquecimento, à autobiografia e à experiência, com destaque nos textos de Halbwachs (2006), Bergson (2006), Ricouer (2007), Rousseau (2007), Freud (2010), Assmann (2012), Oliveira (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Memória. Autobiografia. Esquecimento. Experiência. Afeto.

“We were like this, wounded inside, but hard outside”: *The little memories*, of José Saramago

Abstract: The article intends to re-read the book *The little memories* (2006) by José Saramago (1922-2010), na autobiographical account that, through the paths os memory, reveals to the reading public a relevant phase of the life of the writer of Portuguese Language awarded the Nobel prize in Literature (1998). As a theoretical and critical basis we use the researches concerning memory, forgetfulness, autobiography and experience, especially in the texts of Halbwachs (2006), Bergson (2006), Ricouer (2007), Rousseau (2007), Freud (2010), Assmann (2012), Oliveira (2014), among others.

Keywords: Memory. Forgetfulness. Experience. Autobiography.

“Éramos así, heridos por dentro, pero duros por fuera”: *Los pequeños recuerdos*, de José Saramago

Resumen: El artículo pretende hacer una relectura del libro *Los pequeños recuerdos* (2006), de José Saramago (1922-2010), relato autobiográfico que, por medio de las sendas de la memoria, revela al público lector una fase relevante de la vida del único escritor de Lengua Portuguesa galardonado com el Premio Nobel de Literatura (1998). Como fundamento teórico y crítico, utilizamos las investigaciones referentes a la memoria, al olvido, a la autobiografia y a la experiencia, con destaque em los textos de Halbwachs (2006), Bergson (2006), Ricouer(2007), Rousseau (2007), Freud (2010), Assmann (2012), Oliveira (2014), entre otros.

Palabras clave: Memorias. Olvido. Experiencia. Autobiografia.

¹ Doutora em Estudos de Literatura. Pesquisadora independente, trabalha, sobretudo com Literatura Brasileira e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: abrahaoana19@gmail.com ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8306-2706>

1 Introdução

Em *As pequenas memórias* (2006), o escritor José Saramago elabora uma narrativa de cunho autobiográfico que compreende dois aos dezessete anos de idade. O relato é construído em episódios breves e não se apresenta de forma pragmática e linear. Nesse regresso aos tempos da infância e da adolescência, por meio do fazer literário, revela as características da aldeia natal, o afeto em família, os amigos próximos, a transferência da família para Lisboa, as vitórias e as perdas pessoais.

Guiando-se pelos meandros da memória, através das recordações, representa a experiência de suas vivências infantis e da puberdade, sem conseguir escapar às armadilhas que incorre quem recorre aos itinerários da memória, ou seja, o esquecimento.

O artigo subdivide-se em quatro partes: Memória e autobiografia; Memória e afeto em *As pequenas memórias*; Memória, experiência e esquecimento em *As pequenas memórias* em *As pequenas memórias* e as considerações finais.

2 Memória e autobiografia

2

Ao redigir sua autobiografia², Saramago, o Zezito — apelido familiar — revela uma existência de pobreza, na Aldeia de Azinhaga, mostrando que viveu dos dois aos dezesseis anos de idade. É apresentada a genealogia da família, nessa narrativa de memórias, que revela os fatos vivenciados em Azinhaga e, mais adiante, na cidade grande, Lisboa. “Tinha nascido na Azinhaga, vivia em Lisboa” (SARAMAGO, 2006, p. 71), lugar em que passou a morar em 1924.

A escrita autobiográfica já tinha sido objeto de da literatura de Saramago, com o narrador de *Manual de pintura e caligrafia* (1977/2001), H (é mencionada somente a inicial do nome do narrador), que deseja escrever sua autobiografia, os “Exercícios de autobiografia” (p.), embora adentre num autoquestionamento: seria válido escrever sua autobiografia? O que havia de interessante, em sua vida, que teria sentido revelar?

“Tudo é vida vivida, pintada, escrita: o estar vivendo, o estar pintando, o estar

² A respeito da impossibilidade de uma escrita autobiográfica que possa relatar, com total veracidade, os acontecimentos da vida do narrador, visto que este depende das lembranças, e conseqüentemente, da memória, Silva (2006) assinala que “a memória é uma sucessão de ‘instantâneos’, no sentido fotográfico. Imagens do sujeito, imagens da história, mais vestígios do que presenças, como que reiterando a precariedade da presença do sujeito a si mesmo e a sua própria história” (SILVA, 2006, p. 17).

escrevendo: o ter vivido, o ter escrito, o ter pintado” (SARAMAGO, 2001, p. 132). A resposta do narrador emerge na mais adiante na mesma narrativa: “Tudo é autobiografia, digo eu” (SARAMAGO, 2001, p. 169).

Passados trinta anos depois da investida do personagem H), Saramago publica o pequeno volume de *As pequenas memórias*³, em que, já com idade avançada, constrói uma tocante e poética jornada de volta à sua infância pobre, na aldeia de Azinhaga. “[...] salvo o rio que lhe passa mesmo ao lado (imagino que desde a criação do mundo), e que, até onde alcançam as minhas poucas luzes, nunca mudou de rumo [...]”⁴ (p. 9). O narrador, ao mencionar as “poucas luzes” refere-se não somente ao fato de ser já idoso “Mais de setenta anos depois, por entre as brumas da memória “ (p. 97), no instante da enunciação, mas igualmente às prováveis lacunas da memória: “[...] se a memória não me engana, se não estou a juntar o enxovalho ao pavor [...] será só porque já não nos lembramos ou não queremos nem lembra-nos do que se passava nas nossas cabeças” (p. 21; 33).

Nessa perspectiva em que o narrador reconhece que sua memória pode lhe faltar, enfatizamos a gênese da palavra memória. É originária da língua latina e deriva de *menor* e *oris*, cujo significado é “o que lembra”, aproximando-se desse modo, ao tempo passado; logo, ao já vivido (PADRÓS, 2012).

Em função de sua concepção, a memória refere-se a algo individual, pessoal. Entretanto, a construção da memória individual constitui-se também, ao mesmo tempo, unida a uma existência social, isto é, nos vínculos entre o sujeito e grupo social ao qual pertence. “O Almonda, que a seus pés desliza, o Tejo, lá mais adiante [...] por boas ou más razões, omnipresentes na memória e nas falas das famílias. Foi nesses lugares que vim ao mundo” (p. 10).

Nessa perspectiva, em que a memória se apresenta também de forma coletiva, como afirma Halbwachs (2006), a lembrança é uma reconstrução do passado com a colaboração de informações recolhidas no presente e, ademais, é preparada por outras reconstituições elaboradas em épocas anteriores e de onde a imagem do passado

³ O livro *das tentações* era o título inicial de *As pequenas memórias*. Nesse mesmo período, Saramago também redigia o livro *Memorial do convento* (1982). Revela em *As pequenas memórias* a gênese da obra que viria à luz: “É a altura de explicar as razões do título que comecei por dar a estas lembranças – *O livro das tentações* – [...] sendo eu, [...] alvo de todas as tentações” (p. 32).

⁴ Desse ponto em diante, colocaremos somente as páginas referentes às respectivas citações, visto que utilizamos a edição: SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

manifesta-se de forma já bem alterada. Daí a afirmação do narrador de *As pequenas memórias*:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento ou me trem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não fariam também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas (p. 58).

O narrador, dessa forma, acolhe a probabilidade de falha de sua memória, ou até mesmo ter sido resultado, em parte, das lembranças alheias, o que leva à reflexão de Ricoeur (2007), no que se refere à memória e às lembranças, em que assevera que “toda procura de lembrança é também uma caçada” (RICOEUR, 2007, p. 30), ou seja, há um permanente embate entre a memória e o esquecimento⁵ no ato de reconstrução dos fatos passados.

3 A memória e o afeto em *As pequenas memórias*

4

As cenas do passado, em *As pequenas memórias*, manifestam-se em recordações cujas lembranças são atravessadas por pânico e aviltamento – como, por exemplo, quando foi torturado por garotos mais velhos: “A chorar, com o sangue a escorrer pelas pernas abaixo, deixando a roupa no monte, lá me arrastei em direção a casa”. Não obstante, o menino era cercado de muito afeto pela mãe e pelos avós maternos: “Minha mãe já havia saído a minha procura [...] e quando me viu naquele mísero estado desatou aos gritos: ‘Ai, o meu rico filho! Quem foi que te fez isto?’”. Ou ainda pela avó Josefa e o avô Jerônimo, familiares por quem demonstrava imensa admiração, respeito e reverência: “[...] o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerônimo [...] esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente” (p. 112; 15). A pobreza material contrastava com os ensinamentos recebidos. Dessa forma, os avós, que eram analfabetos, eram pessoas muito experientes e sábias e o menino Zezito muito aprendia:

⁵ Weinrich (2001) afirma que Nietzsche destaca a importância do esquecimento que se constitui como a competência para que o indivíduo se proteja das próprias lembranças resistentes e disseminadas. Essa valorização do esquecimento possui por base retirar dos conteúdos da memória, até aqui fielmente preservados, os da formação histórica, a base da motivação, isto é, “construir com o agir, com a vida e com o futuro, uma motivação nova e concorrente, a partir da qual se deve reorganizar a memória” (WEINRICH, 2001, p. 183).

“Bem mais complexo era o sistema de sinais que minha vó utilizava para saber quanto dinheiro estava a gastar na mercearia [...] minha vó Josefa havia reinventado a aritmética”, e sobre o avô Jerônimo: “É um homem como tantos outros nesta terra, neste mundo, talvez um Einstein esmagado sob uma montanha de impossíveis, [...]um grande escritor analfabeto” (p. 123; 119).

Nessa perspectiva em que as vivências e os afetos do narrador de *As pequenas memórias*, com destaque para a mãe e os avós paternos, se sobrepõem às experiências danosas, Segundo Assmann (2012), existe uma relação entre recordação e afeto, e que esse vínculo não se apresenta como fator obrigatório, porém esses dois elementos são acoplados de modo consciente e, de acordo com o caso, de forma arbitrária. Nas recordações autobiográficas, como é o caso na maior parte de *As pequenas memórias*, recordação e afeto “fundem-se em um complexo indissolúvel”. Essa aglutinação como um elemento que compõe as lembranças que apresentam-se de forma relevante no processo de rememorar consciente ou não dos indivíduos. “Que recordações em particular serão ‘afetadas’ por essa força estabilizadora, isso certamente foge ao controle do indivíduo, pois a participação afetiva em determinadas recordações justamente não pode ser controlada pelo indivíduo” (ASSMANN, 2012, p. 270). Portanto, o afeto, como agente consolidado na memória do sujeito, escapa a qualquer comando e, conseqüentemente, interfere de modo positivo ou não, nas suas lembranças.

Ainda com relação à importância do afeto para a memória, o filósofo Rousseau (1712-1778) valorizava a singularidade do afeto como um harmonizador nas recordações. Nas *Confissões* (2007), a escrita, embasada nas lembranças pessoais, marco da subjetividade, sempre faz emergir a reflexão acerca da fidedignidade dos acontecimentos narrados. Nessa obra, a memória, que é evocada como uma musa, traz à tona o questionamento, qual seja, a veracidade ou não⁶ do que é relatado, apesar de, para o narrador, esse fator não seja relevante. se interessa por isso. Rousseau, ao buscar um paradigma para legitimar a confiabilidade das recordações, deparou-se com a questão do afeto. Ciente de que não poderia reconstruir os fatos vividos com a exatidão que almejava, excluiu, inicialmente, a presunção de relatar a verdade de forma objetiva para escrever sobre suas lembranças. Tendo uma “cadeia de sentimentos” como alicerce

⁶ Gagnebin (2006), numa reflexão sobre a questão da sinceridade na narrativa da autobiografia, afirma sobre Rousseau: “Mesmo Rousseau, o paladino da sinceridade absoluta, reconhece que o ‘conhece-te a ti mesmo’, palavra de ordem do relato autobiográfico, não é fácil de cumprir. Será que é possível?” (GAGNEBIN, 2006, contracapa).

para que se construísse uma pretensa verdade, deixou-se guiar pelo afeto. “Eu posso deixar lacunas nos fatos, eles se movem, posso atrapalhar-me com as datas, mas não posso me enganar sobre o que senti” (ROUSSEAU, 2007, p. 102).

Para Rousseau, o afeto é um intensificador das recordações, além de ser um núcleo destas, uma vez que se constitui como centro inabalável da memória, uma verdade abrangente. “[...] há algo ainda mais notável que a distinção entre verdade objetiva e veracidade subjetiva” (ASSMANN, 2012, p. 271). Com tal abordagem, o que está em jogo não é a verdade absoluta, mas sim o modo como o afeto atua na rememoração.

Nesse contexto, no que se refere às narrativas sobre a infância, o sentimento do narrador opera como um aferidor das lembranças, pois “as recordações latentes existem em um estado intermediário, de onde incidem na escuridão do pleno esquecimento, ou podem ser resgatadas para a luz da rememoração” (ASSMANN, 2012, p. 274).

Ora, cada uma das pequenas histórias que alguém narra sobre sua infância, afirma Assmann, revela o sinal de um afeto peculiar: culpa, humilhação, ressentimento são elementos que compõem esse jogo, em que percepções se solidificam como experiências e estas como recordações. Assim, o afeto para as recordações da juventude [ou infância], é o “símbolo para as recordações da velhice” (ASSMANN, 2012, p. 275). A recordação, que se torna uma marca, é compreendida pelo trabalho retrospectivo de interpretação diante da história de vida do indivíduo, que se situa no contexto de uma situação particular. “De súbito, porém, soprou uma brisa rápida. [...] Foi um instante, nada mais que um instante, mas a lembrança dele durará o que minha vida tiver de durar” (p. 20).

Tendo em vista que a lembrança de tempos idos pode permanecer toda uma vida, Bergson (2006) destaca que o passado se conserva de modo indeterminado, pois o “passado se conserva por si mesmo [...] o que sentimos, pensamos, quisemos, desde a primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar” (BERGSON, 2006, p. 47-48), isto é, acompanha o nosso presente de forma permanente, reconhecido pela experiência e pelo esquecimento que também agem no processo da rememoração.

4 A memória, a experiência e esquecimento em *As pequenas memórias*

A memória possui uma intrínseca relação com a experiência. A escrita autobiográfica de Saramago embasa-se em suas recordações da infância e da adolescência, que trazem em si a marca indestrutível da experiência⁷. Essa experiência pode ser considerada singular na medida em que está contida nas recordações de acontecimentos que estruturam a vida interior de um único indivíduo, mas também em relação com a coletividade de que faz parte (OLIVEIRA, 2014).

Nesse sentido, a experiência do indivíduo desenvolve-se na convivência com um determinado grupo social e, muitas vezes, o sujeito necessita resgatá-lo para construir sua história de vida, como nessa escrita autobiográfica de Saramago. “Quem me ensinou a habilidade do transatlântico e da cegonha, foi o pai do Félix, que tinha, agora mesmo me veio à lembrança” (p. 54-55).

Experiência é uma palavra carrega consigo uma gama de probabilidades, dentre as quais está a sua dimensão temporal, ou seja, a experiência se modifica com o decorrer do tempo, o que propicia ao autor o distanciamento necessário (redigiu a narrativa quando já passara dos setenta anos) para narrar sua autobiografia. Quando o narrador volta à Azinhaga, já depois de adulto, recebe a dolorosa notícia da morte de seu primo e companheiro de muitas aventuras:

O José Dinis morreu novo. Os anos dourados da infância tinham acabado, cada um de nós teve de ir à sua vida [...] estando eu na Azinhaga, perguntei à tia Maria Elvira: “Que é feito do José Dinis? Ela, sem mais palavras, respondeu: “O José Dinis morreu”. Éramos assim, feridos por dentro, mas duros por fora. [...] o José Dinis veio e passou, choraram-se algumas lágrimas na ocasião, mas o certo é que a gente não pode levar a vida a chorar os mortos. Quero crer que hoje ninguém se lembraria do José Dinis se estas páginas não tivessem sido escritas. Sou o único que pode recordar quando subíamos para a grade da ceifeira[...] Sou o único que pode recordar aquela soberba melancia [...] que comemos na borda do Tejo[...] Sou o único que pode recordar o ranger da navalha [...] os sucessivos cortes [...] do fruto[...] (p. 136).

A experiência da infância e da adolescência do escritor deixou marcas indelévels em sua vida, como no caso de José Dinis a quem faz uma comovente homenagem em

⁷ Conforme Agamben (2005), “[...] o problema da experiência como pátria original do homem torna-se o da origem da linguagem [...]. Sem a linguagem, haveria uma “experiência humana ‘pura e muda’”. “A infância é a origem da linguagem e a linguagem a origem da infância” (AGAMBEN, 2005, p. 59-60). Dessa forma, a infância insere o indivíduo como promotor de conhecimento e, juntamente com outros enunciadores, agrega significação à humanidade. Saramago lança mão de sua experiência infantil e adolescente para redigir suas memórias.

suas memórias, por ser ele o “único” que pode recordar aqueles momentos tão singulares do passado ao lado do primo. De fato, a lembrança persiste visto que, de algum modo, “é soberana e incontrolável. Poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. E a lembrança precisa do presente, porque [...] o tempo próprio da lembrança é o presente” (SARLO, 2007). (grifo da autora).

Ora, essa reflexão sobre a dimensão temporal, com a imprescindível recordação do presente, não é uma preocupação dos tempos atuais. Agostinho, em suas *Confissões* (2011), enfatizava que a atitude mais correta em relação a essa temática seria dizer que há “há três tempos, o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito” (AGOSTINHO, 2011, p.227). O tempo, conforme essa perspectiva, parece fixar-se muito mais no presente do que nas outras dimensões temporais. Estando mais detido no agora, os tempos idos, no processo de atuação das memórias, fazem emergir a discussão sobre a questão do esquecimento.

Nietzsche (2003), no que se refere ao esquecimento, destaca que o ser humano, conduzido por seus próprios proveitos em agir nunca dispõe, inteiramente, da totalidade de suas lembranças. Apenas possui acesso a partes do seu cabedal de recordações o que lhe impõe uma limitação, o que, no entanto, lhe estimula a plurivalência e a habilidade de aprender. “Ele esquece a maior parte das coisas, para fazer uma só; ele é injusto com o que ficou para trás, e só conhece um direito, o direito do que cabe acontecer agora” (NIETZSCHE, 2003, p.12).

Weinrich (2001) destaca, como Nietzsche, a importância do esquecimento que se apresenta como a competência de se preservar das próprias lembranças resistentes e disseminadas. Essa valorização do esquecimento caracteriza-se em excluir os conteúdos da memória até aqui fielmente conservados, os da formação histórica, a base da motivação, isto é, “construir com o agir, com a vida e com o futuro, uma motivação nova e concorrente, a partir da qual se deve reorganizar a memória” (WEINRICH, 2001, p. 183). Como afirma o narrador de *As pequenas memórias*:

Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes, recorrentes e obsessivas, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurância, iluminações, e não há explicações para elas, não as convocamos, mas elas aí estão (p. 130).

Dessa forma, muitas recordações foram suprimidas ou melhor, esquecidas, alheiamente ao desejo do narrador, que aceita as lembranças que surgem, ao redigir a narrativa. Nesse contexto de rememorar e esquecer, Nietzsche contrapõe, hipoteticamente, a memória benéfica à vida e à história estranha à vida. Na visão nietzscheana, “o que mais corresponde à história é *recordar*; à memória corresponde mais *esquecer*”⁸ (ASSMANN, 2012, p. 143) grifo da autora. “[...] era a mãe do Félix, cujo nome, por mais que puxe pela memória, não consigo recordar” (p. 87). Nietzsche tomou, como ponto inicial, a concepção de que cada indivíduo e cada povo, conforme seus propósitos e suas necessidades, carecem de uma parte do entendimento do passado.

Em *As pequenas memórias*, considerando a questão do rememorar e do esquecimento, ao mesmo tempo em que a memória se caracteriza como um recurso para assinalar os acontecimentos e recompor as experiências vivenciadas, também carrega os vestígios que lhe são intrínsecos: a diferença do tempo do enunciado e do tempo da enunciação, o esquecimento, com ênfase nas experiências boas ou ruins. O discurso memorialístico, por si só, já acumula em seu interior, todos esses desdobramentos, além do mais, nele se ergue um denso tecido em que se revezam “esquecimento e lembrança, mascaramento e transfiguração, o consciente e o Inconsciente” (RIBEIRO, 2012, p. 156). Como está nas páginas das *Pequenas memórias*: “Se a memória não me falha, terá sido esta a minha primeira ‘composição poética’” (p. 48).

Ademais, sobre a questão do esquecimento, como assinala Freud (2010), o “esquecimento de impressões, cenas, vivências reduz-se em geral a um ‘bloqueio’ delas. [...]o paciente [...]raramente deixa de acrescentar: ‘Na verdade, eu sempre soube, apenas não pensava nisso’” (FREUD, 2010, p.148). Diante dessa perspectiva, infere-se que a memória pode preparar genuínas ciladas para quem dela se vale.

Tendo em vista as armadilhas arquitetadas pela memória, o narrador de *As pequenas memórias*, ora declara estar certo do que narra em relação aos acontecimentos, “[referindo-se à avó Josefa] disseste com a serenidade dos teus noventa anos [...] ‘O

⁸ Nietzsche enfatiza o papel do esquecimento no processo de recordar. A recordação está a serviço da consciência propositada, voltada a um agir. O homem de ação (expressão de Goethe) está sempre desprovido de consciência, no sentido de estar desprovido de ciência. Entende-se com isso que está disponível para quem age, no momento da ação, nada mais que um fragmento de seu saber e de suas recordações. “Ele esquece a maior parte das coisas para fazer uma apenas, é injusto com o que ficou para trás, e só conhece um direito, o direito do que agora deve vir a ser.” (NIETZSCHE, 2003, p. 13) Nietzsche constata que a cultura, para combater esse esquecimento injusto, estabeleceu a moral e a consciência, que não é, entretanto, muito confiável, porque precisa do apoio da memória que se revela uma força frágil.

mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer’. Assim mesmo, eu estava lá”, ou em outro episódio: “Não creio que exista no mundo um silêncio mais profundo que o silêncio da água. Senti-o naquela hora e nunca mais o esqueci” [...] “recordo quanto me ri numa fita em que eles (estou a vê-los neste momento) faziam de moleiros”; ora mostra-se inseguro, penetrando os caminhos da imprecisão, o que é justificável, após a grande distância dos fatos narrados. Ao tentar rememorar os tempos idos, vez por outra, surge margem à dúvida. “Creio recordar/ que eram dez horas e alguns minutos” (p. 120, 79, 55,57). Mergulhado nesse titubear, entre recordações e esquecimento, o narrador até mesmo expõe ao leitor a sua hesitação sobre os acontecimentos que narra em certo momento: “[...] calculo que o consentimento foi dado com o mesmo empenho com que teria me deixado ir à praia [...]. O problema que tenho que resolver agora é se isto sucedeu antes ou depois da queda” (p. 63). Desse modo, memória, experiência, afeto e esquecimento estão intrinsicamente ligados no encadeamento das recordações de Saramago, o “rapazinho de Azinhaga” (p.17).

5 Considerações finais

10

José Saramago, pelas veredas da memória, já em idade avançada, com olhar do presente, reconstrói suas vivências da infância até a adolescência, entre recordações e esquecimentos. O convívio com a família, especialmente com os avós maternos, Josefa e Jerônimo, e todas as experiências de afetos e desafetos pelas quais passou, a simplicidade da vida rural, a valorização do trabalho, com as suas adversidades, a mudança para Lisboa, fazendo com que se deparasse com as desigualdades e injustiças da sociedade, engendraram a personalidade do adulto e do célebre escritor que se tornou. Mergulhado nas lembranças, ao receber, o Prêmio Nobel de Literatura, dedica o prêmio ao avô Jerônimo. Associa, como no caso das memórias de infância, as recordações da experiência ao afeto, o que muito influenciou a sua escrita.

Frente à inviabilidade de experienciar novamente os acontecimentos vivenciados, a linguagem converte-se no meio pelo qual a memória pode se expressar de forma singular. A escrita da memória constitui-se um caminho por intermédio do qual se reconstrói a perenidade do que foi vivido. Dessa forma, revelam-se os momentos íntimos do menino Zezito, carregados de sentimentos daquele que narra, um homem de 84 anos, Nobel de Literatura, que transforma o seu rememorar da infância

num espaço de grandes lições para a vida e de fascinação para o leitor.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história. Destruição da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

AGOSTINHO, Santo. Confissões. Tradução: A. Ambrósio de Pina e J. Oliveira Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

BERGSON, Henri. Memória e vida. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREUD, S. “Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II”. In: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Trad. e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAGNEBIN, Jeane-Marie. Contracapa. In: DAMIÃO, Carla. Sobre o declínio da sinceridade. Filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução: Beatriz Sidou. SP: Centauro, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. Memória, testemunho e escrita melancólica em *Memórias do cárcere e Infância*, de Graciliano Ramos. (2014) Tese de Doutorado (Doutorado em Estudos de Literatura) Instituto de Letras. UFF, Niterói/RJ.

PADRÓS, Enrique Serra. “Usos da memória e do esquecimento na História” In Literatura e Autoritarismo. O esquecimento da violência. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num4/ass02/pag01.html> Acesso em 02/01 de 2020.

RIBEIRO, Gustavo S. O drama ético na obra de Graciliano Ramos: leituras a partir de Jacques Derrida. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG, 2012.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Confissões. Tradução: José Benedicto Pinto e Rachel de Queiroz. São Paulo: Edipro, 2007.

SARAMAGO, José. As pequenas memórias. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

SARAMAGO, José. Manual de pintura e caligrafia. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SARLO, B. Tempo passado. Trad. Rosa F. D'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SILVA, Franklin Leopoldo. Prefácio. IN: DAMIÃO, Carla. Sobre o declínio da sinceridade. Filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

WEINRICH, Harald. Lete: arte e crítica do esquecimento. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.